

libertário, numa perspectiva anti-autoritária e solidária leva o leitor a compreender por que influenciou pessoas, deixou sua marca e dá saudades. O autor, procurou se despir de elogios a Tragtenberg, para analisar sua pedagogia libertária.

Ler este livro é saudável para quem se depara com a onda do conformismo disseminada na atualidade e dela quer escapar. É para sacudir os jovens sorumbáticos que acreditam única e exclusivamente na participação democrática, conformados e confinados. É para professores burocráticos e empertigadinhos. Para sábios da ocasião. Para se rebelar. Mas será que esses caras querem saber disso? Maurício é para heterodoxos, libertários e anti-pluralistas. Para Tragtenberg, o pluralismo era a nova ideologia dos conservadores.

política e a organização das ilegalidades contemporâneas | edson passetti *

Jeremy Scahill (2008). *Blackwater*. Tradução de Cláudio Carina e Ivan Weiz Kuck. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, 548 pp.; Misha Glenny (2008). *McMáfia*. Tradução Lucia Boldrini. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, 440 pp.; Roberto Saviano (2006). *Gomorra*. Tradução de Elaine Niccolai. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2008, 350 pp.

Três livros escritos por jornalistas chamaram a atenção entre as publicações lançadas no Brasil no ano de 2008. Foram eles: *Blackwater*, *McMáfia* e *Gomorra*. O

* Edson Passetti é professor na Faculdade de Ciências Sociais na PUC-SP, coordena o Nu-Sol e é autor entre outros livros de *Anarquismos e sociedade de controle* (São Paulo, Cortez, 2003), *Anarquismos urgente* (Rio de Janeiro, Achiamé, 2007) e em parceria com Acácio Augusto, *Anarquismos e educação* (Belo Horizonte, Autêntica, 2008).

assunto em comum: ilegalidades, as novas formas de segurança, a *refundação* da organização empresarial, e a renovação dos usos e abusos sobre os trabalhadores. Anunciam, na atual sociedade de controle, o redimensionamento transterritorial da segurança legal ou ilegal, garantindo a continuidade do empreendimento capitalista globalizado, no leste de herança socialista, no Oriente Médio, passando por África e América Latina; atuando principalmente, a partir da China-Japão, Europa e Estados Unidos.

1. Diplomacia, força repressiva de Estado e novos dispositivos de segurança

A diplomacia combinada com o uso das forças armadas para a guerra (interna ou externa) propiciou, durante o século 20, reviravoltas surpreendentes na oscilação pendular entre guerra e paz que dá vida, sentido e poder ao Estado. Mesmo depois de abalado por movimentos libertários, o Estado-nação saiu fortalecido das guerras imperialistas e específicas mais ou menos *justas*, pelo vaivém celebrado entre tratados, pactos, acordos, o uso deliberado do terrorismo de Estado e aplicação de programas genocidas.

O Estado moderno, intensamente, marcado pela necessidade de segurança à propriedade e aos seus ideais, às práticas de governo e ao controle da população sempre lançou mão de efeitos de legalidades e ilegalismos imperativos à sua continuidade. Agiu por meio dos variados regimes políticos em conformidade com a constituição, a lei, mas, também, com o poder de acionar dispositivos de exceção e agendar negociações suspeitas. Dentre as mais antigas estão o recrutamento de mercenários, o financiamento de forças opositoristas ao governo de contorno político-econômico antagonico, a espionagem, a delação, a infiltração nos grupos revolucionários...

A vida do Estado não se restringe à constituição, ao fazer e aplicar leis, às amistosas políticas articuladas de maneira circunstancial entre Estados e governos em nome dos povos; tampouco a sua existência, no âmbito internacional, encontra-se relacionada à interminável guerra de todos contra todos. Essa crença — decisiva para as políticas colonialistas européias até o século 19 e mais tarde aos variados imperialismos —, disseminada desde o realismo hobbesiano, funciona como um duplo vínculo. De um lado, sem o Estado, a diplomacia e as forças armadas, a *possível* paz externa, mesmo que temporária, é improvável. De outro lado, sem a ameaça contínua de guerra internacional o Estado não tem como justificar sua existência, intimamente relacionada aos ilegalismos, aos dispositivos de exceção e terrores em nome da segurança — novamente dele mesmo, do seu governo, dos seus ideais e da luta em defesa da *sua* população. A continuidade do Estado depende da crença numa iminente situação de guerra interna ou internacional para que seja possível prorrogar a utopia da paz. O caminho traçado pelos governos para este *fim* é anunciado como difícil, árduo, quase interminável e exigindo, além de muitas sutilezas diplomáticas, enormes vistas grossas. Em defesa da sociedade, do Estado e da população produzem-se os intermináveis e incontornáveis ilegalismos, que, por sua vez, geram leis, tribunais, fiscalizações, forças reativas, outros ilegalismos...

Chegamos a um momento que o Estado precisa cada vez mais de amparos de segurança e para tal, passa a privatizar a segurança pública interna e externamente. Aqui começa a importante contribuição do livro de Jeremy Scahill, *Blackwater*, mais que uma empresa, um programa de colaboração público-privado. O livro mostra como o Estado passou a atrair investidores privados para colaborar na administração participativa do aparelho repressivo, especialmente na disciplina das prisões (fomentando políticas de tolerância zero) e na proteção às forças armadas (que

zelam pela democracia planetária) em tempos de paz e guerra. Presenciamos as variadas contratações de mercenários muito bem remunerados, tanto para lutar ao lado das forças armadas no exterior e preservar os trajetos de patentes superiores, como para transportar alimentos e armamentos, configurando mais uma surpreendente especialização na política de manutenção do estado de guerra. Trata-se de um registro documental marcante dessa época de presença estadunidense no pós-guerra ao Afeganistão (desde o embate financiado contra a influência soviética, incluindo acertos e desacordos com o Taleban e os desdobramentos em terrorismos de mão dupla, desde o 11 de setembro de 2001) e das ressonâncias internas no combate ao *crime* pelo aparecimento da prisão de regime disciplinar máximo controlada por grupos empresariais conservadores articulados com religiosos.

2. Segurança ilegal no interior dos Estados

O chamado fim do socialismo, geralmente relacionado pela imprensa e intelectuais liberais à queda da URSS, é também considerado o marco das mudanças em *McMáfia*, de Misha Glenny. Ele expõe os efeitos incontáveis desde então, incluindo, o mais importante deles: a emergência da China capitalista empresarial governada pela mesma ditadura do proletariado que *pregava* a planificação econômica, a “revolução cultural”, a uniformidade e a subserviência dos trabalhadores ao Partido.

Os diversos relatos jornalísticos de Glenny auxiliam o pesquisador a acompanhar como o neoliberal *mercado* globalizado e democrático exigiu a mesma subserviência com a qual o proletariado chinês servia ao partido e à sua vanguarda revolucionária. A velha e experimentada máxima capitalista vingou novamente: o mercado capitalista governa com qualquer regime político! Nesta mesma ocasião, a burocracia

soviética capitalizou a miséria e se expandiu a partir da potencialização do tráfico (não há capitalismo sem tráfico, nos primórdios, nas reformas, na atualidade). A população pobre, sem *pai*, *providência* ou *comandante* recolheu as sobras dos empregos ou aderiu às grandes gangues, as novas *máfias*, para as quais passou a vender qualquer coisa, inclusive suas filhas e a si mesmos para trabalhos clandestinos na Europa... Enquanto isso os ideólogos do capitalismo liberal festejavam sua vitória lado a lado com empresários e os novos emergentes sociais, proclamando em pesquisas, entrevistas, artigos e livros que o mercado livre tinha se estabelecido definitivamente. Com o fim do socialismo soviético desdobraram-se os ilegalismos de segurança voltados para assegurar o trânsito de produtos legais e ilegais, etnias, monopólios sobre parte da força de trabalho e até mesmo governo de prefeituras e condomínios de luxo.

A globalização *socializou* a miséria e consolidou as relações econômicas, sociais, culturais e políticas por meio de programações computo-informacionais de produção e segurança, próprias da sociedade de controle. Nesta os espaços de ocupação sob vigilância são contínuos e ampliados, e os limites deslocados, constantemente, redesenhando fronteiras de Estado e continentes, como Europa; os fluxos de produtos e populações são ininterruptos sob uma convocação generalizada à participação democrática na política, na empresa, na cultura, exceção feita às organizações de segurança ilegais que continuam estruturadas pela verticalidade de poder. É aqui que *McMáfia*, de Glenny e *Blackwater*, de Scahill, escancaram o triângulo segurança, Estado de Direito e “controle” do controle da corrupção. Mais do que a metáfora de uma figura geométrica, as reportagens abordam a tridimensional expansão medonha dos lados do triângulo: segurança a qualquer preço e para todos os preços; Estado de Direito para fomentar uma pletera de direitos para calar as forças ativas de resistências pelas

negociações de maiorias; corrupção desenfreada em sintonia com a ampliação das instituições nacionais e transterritoriais de controle. A queda do socialismo, enfim, propiciou mais lucratividades ao capitalismo com tráfico de drogas e pedras preciosas, escravismo, semi-escravismo, rebaixamentos salariais, genocídio e cibercrimes produzidos por um contingente inumerável de desempregados e semi-empregados da produção legal.

Os dois livros são referências para estudos que visem compreender o novo redesenho da segurança pelas organizações ilegais, parceiras voluntárias ou involuntárias de governos, atuando dentro das cidades e administrando-as também como campos de concentração a céu aberto. Esta segurança ha-bitada condomínios verticais ou horizontais, favelas, empresas, áreas territoriais georreferenciadas, populações demarcadas como vulneráveis e hipotéticos níveis de qualidade de vida, fiscalizações por meio de relatórios de impactos ambientais, e ambíguas vigilâncias em nome da responsabilidade social: atuam para contornar, vigiar, produzir produtos e matar.

Nestes tempos de refundação dos ilegalismos, não faltam bilhões de pessoas silenciadas ou assujeitadas incluídas na produção de riquezas e que jamais chegarão a provar a convocação à participação democrática na política, na empresa, na comunidade, como a grande parte de trabalhadores pobres e medianos empregados já capturados. Essa poderá ser a herança para seus descendentes. Por ora, espera-se que eles vivam, breve e clandestinamente, em quartos coletivos com sua imensa solidão; que esperançosos de uma liberdade promovida pelos meios de comunicação, durmam com a televisão ligada; que aprendam que esse não é o *dark side* do capitalismo, mas a iluminação das faces indistinguíveis da população.

3. Gomorra: religião e ciência, os mesmos recomeços.

As forças ilegais assemelham-se aos corsários que trabalhavam para o Estado e as companhias coloniais; nada têm em comum com os piratas, com seus paraísos tropicais de descanso, sexo e embriaguez, beneficiando-se das mercadorias roubadas. Roberto Saviani, em *Gomorra*, percorre a Camorra italiana que o leitor encontra transitando no mesmo fluxo de *Blackwater* e *McMáfia*, complementando-o e renovando-o. O jornalismo atento, agora nos mostra mais do que mercenários e gangues ilegais, junções, permutas, continuidades do ilegalismo na legalidade de empresas, políticas, Estados; coloca-nos diante de um ampliado modo de produzir produtos e verdades: a Camorra é o investimento com suas próprias leis, funcionando como um sistema multiplicador que evita confrontos com em-presas legalizadas e governos.

O que poderia parecer passível de solução — depois da leitura dos livros anteriores —, por políticas saneadoras, reviradas morais, tolerâncias com tolerâncias, a leitura de *Gomorra* nos remete a constatar irreversíveis expansões deste modo atual de produzir compatível com os históricos e tradicionais ilegalismos capitalistas e seus posteriores acomodamentos legais. A *velha* refundação do capitalismo como neoliberalismo, ou a atual, com a volta da intervenção econômica do Estado, são sempre favoráveis às empresas e às renovadas forças que colaboram para o mesmo movimento *pendular*, sob velocidades oscilantes. Segundo as composições de forças, as refundações podem até mesmo propiciar a restauração do discurso socialista democrático ou do keynesiano, mas o que o capitalismo planetário pretende mesmo é ser literalmente *universal*, ultrapassar a galáxia.

O capitalismo se quer eterno e com força e direito para ocupar o universo em expansão, que ainda re-

verbera, segundo a física contemporânea, ruídos do *Big-bang*. Vivemos, ainda, sob o efeito da produção do saber pelos grandiosos começos, eloquentes inícios, o marco da origem. Diante de tantas renovações e dessa *inércia* do saber, nada mais adequado do que o título do livro de Saviano: Gomorra, a cidade irmã de Sodoma, o par bíblico amaldiçoado. Numa era em que ciência e religião estão cada vez mais próximas, pela origem científica ou pelo criacionismo, pelas práticas de governo de Estado e terrorismos fundamentalistas, ou até mesmo pela busca de renovação do discurso religioso livre de ortodoxias e flexibilizado pelas descobertas científicas, o autor não teme expor essa moral, nem dissolver o glamour das empresas em sórdidas relações de trabalho, os trâmites de *containners* de mercadorias e cadáveres, os universitários suburbanos assinando pareceres ambientalistas, o lixo cibernético crescendo e contaminando, a multiplicação de crianças podres, de jovens vendidos, de padres resistentes: a Camorra como sistema. *Gomorra* leva o leitor para um limite adiante que deixa intocável o niilista convicto.

∞. ...

O capitalismo entra em *nova-velha fase*, própria de seu pendular funcionamento. Abre-se a era de *re-fundação* do capitalismo globalizado e do correlato *altermundialismo*. E o que estes, incluindo uma boa parte dos anarquistas que pressionavam por retomada dos direitos sociais, exigirão? De novo, a revolução universal? A revolução universal na Via Láctea? Ou estarão definitivamente capturados pelo governo das verdades articulado por meio de palavras-chave?

Enquanto isso, um sistema de produção de produtos e gentes amplia e nanifica o universo em intermináveis especialidades; faz de inovadoras linhas de fuga a sucessão desenfreada de resistências reativas; condensam a invenção dos povos a uma população

Política e a organização das ilegalidades contemporâneas

de bilhões de pessoas divididas entre os sem rosto, sob controle eletrônico a serviço da segurança, e as devotas participativas repletas de direitos, mensageiras de agendas e maiorias, voluntários amantes da obediência.

Blackwater — a empresa em fluxo atuando em variados ramos de segurança com polícia e forças armadas —, McMáfia — essa maneira de produzir segurança por meio de organizações, circunstancialmente, construídas como criminosas, a serviço de gente de bem, inevitavelmente enredada com polícia e forças armadas — e Gomorra — a nova cara da moral depois do combate a Sodoma, do sexo livre, da embriaguez e das liberdades condenadas —, compõem, para o pesquisador, arranjos de procedências marcantes para o estudo e a ampliação de sua compreensão da sociedade de controle. Mas o que eles não mostram é como os rebeldes transitam como surpreendentes vacúolos, invisíveis e imperceptíveis.